UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

SARA CYRLEN SILVA SANTOS

O MAL-ENTENDIDO VINCULAR NA RELAÇÃO DO CASAL

JUAZEIRO DO NORTE-CE
2023

SARA CYRLEN SILVA SANTOS

O MAL-ENTENDIDO VINCULAR NA RELAÇÃO DO CASAL

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Dr. Raul Max Lucas da Costa

SARA CYRLEN SILVA SANTOS

O MAL-ENTENDIDO VINCULAR NA RELAÇÃO DO CASAL

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da apresentação: 07/12/23

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Dr. Raul Max Lucas da Costa

Membro: Esp. Leticia Aureliano Fernandes Ferreira

Membro: Me. Joel Lima Júnior

JUAZEIRO DO NORTE-CE
2023

O MAL-ENTENDIDO VINCULAR NA RELAÇÃO DO CASAL

Sara Cyrlen Silva Santos¹
Raul Max Lucas da Costa²

RESUMO

O estudo do conceito de mal-entendido, com base na psicanálise vincular, proporciona a compreensão da formação de conflitos através de palavras e atos de fala na relação do casal. A partir dos conceitos desenvolvidos por Freud, e referências para a psicanálise vincular, como Wilfred Bion, nos trabalhos com grupos, este artigo expõe como os vínculos contribuem para a formação psíquica do sujeito e de que forma a relação com o outro implica e constitui o mal-entendido. Através de pesquisa bibliográfica, a coleta de dados foi realizada por meio de análise de dados. Leitura dos materiais disponíveis, livros, artigos e trabalhos científicos em geral como fonte de informação sobre o tema. Analisando e abrindo espaço para uma teoria própria com base vincular, o estudo destaca os principais representantes do desenvolvimento do trabalho com casal e família, em psicologia, psicoterapias e por fim com a psicanálise. Para que relacionamentos familiares, casais e grupos sejam mantidos, são necessários acordos inconscientes e possibilidades de novas significações entre os interlocutores. Concluo que, ao entender a comunicação como um contato com a alteridade e o estabelecimento de uma conexão emocional, esta torna-se crucial para reconhecer o outro, o que implica aceitar sua diferença e autonomia como um sujeito separado, a fim de evitar mal-entendidos.

Palavras-chave: Psicanálise vincular. Mal-entendido vincular. Relação do casal.

ABSTRACT

The study of the concept of misunderstanding, based on bond psychoanalysis, provides an understanding of the formation of conflicts through words and speech acts in a couple's relationship. Based on the concepts developed by Freud and references for bond psychoanalysis, such as Wilfred Bion's work with groups, this article explains how bonds contribute to the psychic formation of the subject and how the relationship with the other implies and constitutes misunderstanding. Through bibliographical research, data was collected by means of content analysis, by reading available materials, books, articles and scientific papers in general as a source of information on the subject. By analyzing and making room for its own theory based on attachment, the study highlights the main representatives of the development of work with couples and families, in psychology, psychotherapy and finally psychoanalysis. For family relationships, couples and groups to be maintained, unconscious agreements and the possibility of new meanings between the interlocutors are necessary. I conclude that, by understanding communication as a contact with otherness and the establishment of an emotional connection, it becomes crucial to recognize the other, which implies accepting their difference and autonomy as a separate subject, in order to avoid misunderstandings.

Keywords: Binding psychoanalysis. Binding misunderstanding. Couple relationship.

¹ Discente do Curso de Psicologia da UNILEÃO

² Docente do Curso de Psicologia da UNILEÃO

1. INTRODUÇÃO

O tema proposto é o mal-entendido na relação do casal na perspectiva da psicanálise vincular, teoria que considera o papel constituinte do social na psique individual, para a formação da subjetividade, conceituando o sujeito como um indivíduo de grupo determinado pelos vínculos familiares e sociais que antecedem o seu nascimento e os conflitos que se estabelecem através da família. Criada com base em importantes contribuições que serão detalhadas ao longo do artigo, em 1947 casais e famílias começaram a ser atendidos, após fundamentada a noção de vínculo e incluída na teoria psicanalítica (Moguillansky; Nussbaum, 2011).

Como questionamento de partida: a interpretação da psicanálise vincular acerca do mal-entendido na relação do casal. De todas as abordagens estudadas ao longo do curso, a psicanálise foi a que me motivou e despertou o interesse em estudar cada vez mais, como teoria e prática clínica. A disciplina de Psicologia da Família me mostrou a possibilidade de trabalhar com grupos na clínica, o que me incentivou a buscar uma área que me encantou: Psicoterapia de Casais e Família.

Ligando essa área a abordagem que vou utilizar, o resultado é a Psicanálise Vincular, a teoria psicanalítica que estuda o vínculo. Tenho formação em Comunicação Social, o que agrega muito ao curso de Psicologia e aumentou o meu interesse em estudar a comunicação, mais especificamente os ruídos e falhas na comunicação que resultam em conflitos entre duas ou mais pessoas. Essa falha tem uma conceituação na Psicanálise Vincular: O mal-entendido.

Diante de tantas queixas e conflitos levados à análise ou psicoterapia - violência familiar, falhas na comunicação, abuso sexual, adoção, disfunções na adolescência, luto, separação/divórcio, construção de novas configurações familiares, entre outras - é importante destacar a importância de profissionais e estudantes que têm como abordagem a psicanálise se prepararem para as queixas voltadas para o conflito vincular: o que está para além do individual, mas se tratando também da queixa específica do conflito que existe entre as duas ou mais pessoas, em casal e família. O centro do atendimento é o vínculo.

A investigação sobre a efetividade da análise de casais e famílias é de suma importância no contexto social, considerando os desafios enfrentados por relacionamentos familiares na contemporaneidade. A dinâmica complexa das relações impacta não apenas os membros diretamente envolvidos, mas reverbera na sociedade

como um todo. Conflitos familiares, comunicação deficiente e disfunções nas relações podem levar a consequências adversas, como divórcios, problemas emocionais em crianças e a desintegração do suporte social.

A análise de casais e famílias emerge como uma ferramenta essencial para abordar essas questões, promovendo a compreensão mútua, a comunicação eficaz e estratégias de resolução de conflitos. Investir na pesquisa sobre a eficácia dessas intervenções não apenas beneficia diretamente os indivíduos envolvidos, mas também contribui para a construção de comunidades mais saudáveis e resilientes, onde as relações familiares desempenham um papel central no bem-estar coletivo.

Do ponto de vista acadêmico, este estudo visa preencher uma lacuna no conhecimento da análise para casais e famílias, proporcionando um estudo aprofundado dos novos conceitos e possibilidades. A literatura existente fornece evidências fragmentadas, e a necessidade de uma compreensão abrangente dessa modalidade de intervenção é crucial para aprimorar as práticas clínicas.

Ao investigar a teoria e prática clínica da análise, este artigo busca fornecer insights que informem e aprimorem as intervenções terapêuticas. Além disso, a pesquisa pode contribuir para o desenvolvimento de diretrizes práticas, orientando os profissionais de psicologia na escolha de estratégias mais eficazes para lidar com os desafios específicos enfrentados por casais e famílias.

Ao avançar o conhecimento nessa área, este estudo não apenas enriquece o campo da psicanálise familiar, mas também pode ter implicações significativas para a formação de profissionais de saúde mental, impactando positivamente a qualidade dos serviços oferecidos à comunidade.

2. METODOLOGIA

Este estudo adotou uma abordagem descritiva para investigar o mal-entendido vincular, visando compreender e descrever com base na teoria psicanalítica. Trata-se de uma pesquisa de natureza predominantemente qualitativa. A escolha por uma abordagem qualitativa se justifica pela necessidade de explorar a complexidade e a riqueza de detalhes relacionados ao fenômeno em estudo.

Através de pesquisa bibliográfica, a coleta de dados foi realizada por meio de análise de conteúdo, definida por Bardin como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 1977, p. 42)

Realizada através da leitura dos materiais disponíveis, livros, artigos e trabalhos científicos em geral como fonte de informação sobre o tema. Essa técnica foi escolhida devido à sua capacidade de proporcionar uma compreensão aprofundada e abrangente. Como base de dados, PsycINFO e Google Scholar foram utilizados. Os descritores: psicanálise vincular; mal-entendido vincular; relação do casal.

3. CLÍNICA DO CASAL E DA FAMÍLIA

Inicialmente, ao pensar a herança filogenética, Freud já incluiu o papel dos pais em alguns de seus estudos. É por meio de afetos, conflitos infantis, reatualização do narcisismo dos pais e encontro de gerações através das histórias familiares que se reconhece a herança psíquica, transmitida de geração a geração. Para Freud, esse laço entre as gerações está para além da consanguinidade, sendo fundamentada como filogenética (Vasconcelos, 2015). Em *Introdução ao Narcisismo* (1914), Freud já considerava a influência dos antepassados e como os ideais dos pais se fixam nos filhos. No desenvolvimento da segunda tópica, o vincular aparece através da subjetividade, com identificações adquiridas na família que possivelmente se tornariam conflitos (Freud, 1923/2011).

Freud (1923/2011), após o desenvolvimento da segunda tópica, apresentou o conceito de identificação como resultado de conflitos interpessoais que se combinam com relações interpessoais internalizadas, o começo da inclusão do sofrimento vincular.

Abordou a identificação em três fontes: identificação primária, a de formação de sintomas, e a última onde não há identificação histérica. A primeira é a pré-história do complexo de Édipo, onde o filho quer ser o pai; a segunda é o desenvolvimento de sintomas no lugar da escolha do objeto; a terceira é onde não há relação de objeto com a pessoa. Freud registra a identificação como uma forma original de laço emocional com um objeto, sucedâneo para uma vinculação de objeto libidinal que também pode surgir através de uma nova percepção partilhada com outra pessoa que não é objeto da pulsão. Na criança, a constituição psíquica se modifica pela identificação, quando há

assimilação com as pessoas que se relacionam. (Guimarães, 2007).

Em Psicologia das Massas, Freud analisou o vínculo dos grupos, sobre a formação, envolvimento e laços. Concluiu que o laço entre os indivíduos do grupo se dá através da identificação, com base em uma qualidade emocional comum que reside na natureza do laço com o líder, colocando-o no lugar de seu ideal de ego (Freud, 1921).

A identificação é um processo indispensável para que a relação com o outro seja efetivada, a fim de socialização e individuação. Esse conceito dispensa a oposição entre psicologia individual e psicologia social, esclarecendo a importância da compreensão da sociedade em relação com o indivíduo e como os vínculos afetam a constituição psíquica e a experiência subjetiva do homem (Guimarães, 2007).

Somente na década de 50 os conflitos e violências que envolvem a família preocuparam o grande campo da saúde mental, que passou a considerar tratamentos e psicoterapias familiares. Como pioneiros em comunidades terapêuticas, alguns nomes como Wilfred Bion e Maxwell Jones, Franco Basaglia, William O' Brien, E. Goffman, Franz Fanon, entre outros (Moguillansky; Nussbaum, 2011).

A instituição da clínica para casal e família é bastante recente. As ferramentas para se trabalhar com o familiar são novidades no campo da saúde mental, ganhando relevância a partir dos anos 1950 e sendo consolidadas no final dos anos 1970. Muitas mudanças tiveram que acontecer para que os conflitos familiares fossem considerados como parte da análise da subjetividade humana.

Um marco considerável para a inclusão do papel familiar foi a mudança de configuração de casal e família, que durante o século XX ganhou outros significados e formas de existir, o que pode ser chamado de casal moderno. Esse casal moderno se fundamenta na ilusão de um amor recíproco, aliando o amor à sexualidade a fim de alcançar a felicidade (Moguillansky; Nussbaum, 2011).

É preciso citar algumas referências da inclusão da necessidade da perspectiva vincular. Wilfred Bion, em 1948, na Inglaterra, trabalhou com grupos de soldados afetados durante a Segunda Guerra Mundial. Maxwell Jones, também na Inglaterra, trabalhou com a "síndrome do esforço" em soldados com fadiga do combate. Construiu comunidades terapêuticas que promovia interação entre pacientes, enfermeiras e médicos. William O' Brien, nos Estados Unidos, em Nova York, entre 1963 e 1964, fundou a primeira comunidade terapêutica para dependentes químicos. Franco Basaglia, diretor de um hospital psiquiátrico, na Itália, desenvolveu um processo de inserção de pacientes no ambiente social. Franz Fanon, figura

imprescindível, se esforçou para incorporar a dimensão social na compreensão da subjetividade, trazendo novas perspectivas sobre ideologia dominante, discriminação, política, cultura, violência e como tudo isso produz resultados patológicos, individuais e sociais (Moguillansky; Nussbaum, 2011).

Outro marco importante veio em 1963, quando Didier Anzieu liderou, em Paris, a criação do CEFRAP (Centro de Estudos Franceses para Formação e a Investigação Ativa em Psicologia dinâmica da personalidade e grupos humanos). Com suporte teórico de Pontalis, René Kaes e Didier Anzieu, o sofrimento vincular ganhou atenção e questionamento sobre a possibilidade do grupo constituir ou não um objeto para a psicanálise. (Moguillansky; Nussbaum, 2011). Concluiu-se que:

A família é a trama na qual o humano processa os momentos constitutivos de sua subjetividade. Nos momentos iniciais da vida, a família contribui para a construção do psiquismo; Os laços de ligação com a família modelam as posteriores inclusões nos conjuntos sociais; O familiar constitui um conglomerado vincular sujeito a regras específicas que ordenam e ao mesmo tempo outorgam a seus membros proibições e prescrições; O psíquico humano é uma estrutura amparada em processo familiares; O papel do constituinte e instituinte vincular não se conclui na infância. Os laços familiares continuam oferecendo amparo às produções psíquicas subjetivas durante toda a vida. A identidade humana é sustentada pela articulação com os outros (Moguillansky; Nussbaum, 2011, p. 28).

Esses importantes avanços permitiram que se começasse a atender casais e famílias em vários países. A unidade de casais e família, na Tavistock Clinic, foi fundada por Henry Dicks em 1947 e sucedidos por Ronald Laing, Esterson, etc. Na França, Jean Lemaire se dedicou ao trabalho com casais e famílias. Na Alemanha Horst-Eberhard, na Suíça Jurg Willi, nos Estados Unidos Nathan Ackerman, Theodore Lidz e Lyman Winne (Moguillansky; Nussbaum, 2011).

Na Argentina, a criação, em 1956, do serviço de psicopatologia no Hospital Arraóz Alfaro, foi a primeira experiência desse tipo de serviço na América Latina, que tinha como ideia principal a não separação do paciente da sua comunidade e família. Na década de 70, Florencio Escardó, chefe do setor de internação do hospital infantil Dr. Ricardo Gutiérrez, estimulou a presença da mãe durante a internação da criança doente, fundamentando a não separação da criança e sua família. Uma importante repercussão aconteceu no Primeiro Congresso de Patologia e Terapêutica do Grupo Familiar, em Buenos Aires, no final da década de 70, que resultou na criação da Assistência à Saúde Mental, onde casais e famílias recebiam atenção psicológica (Moguillansky; Nussbaum, 2011).

Nesse mesmo período a Organização Mundial da Saúde passou a considerar a família como problema no âmbito da saúde mental, estabelecendo o papel da prevenção primária e redes de atenção. Ampliou-se o consenso da relação entre intrapsíquico, interpessoal e social. Demandas que envolvem a família estão ganhando mais atenção em quase todos os serviços de psicopatologia e outros campos como a medicina e justiça familiar.

2.1 WILFRED BION

Wilfred Bion (1897-1979) foi responsável por importantes contribuições à psicanálise e dinâmicas de grupo. Em seus trabalhos, enfatizou os comportamentos em processos grupais e como estes auxiliam no processo terapêutico. Estudioso da psicanálise Kleiniana, desenvolveu teorias e conceitos no âmbito grupal, com "suposições básicas" de dependência, luta-fuga e emparelhamento. Desenvolveu uma teoria para analisar a dinâmica terapêutica entre a relação do analista e paciente (Bléandonu, 2020).

Suposições básicas se referem à configuração inconsciente de um grupo em resposta aos desejos e fantasias inconscientes de seus membros. Essa dinâmica pode envolver ansiedades depressivas, persecutórias e medos primordiais, como o medo de aniquilação ou a perda da identidade individual. Bion identificou três exemplos típicos de estruturas de grupo de pressupostos básicos: dependência, luta-fuga e emparelhamento.

O pressuposto básico de dependência reflete o funcionamento mais primitivo do grupo, caracterizado pela necessidade de proteção e segurança, levando o grupo a eleger um líder com atributos carismáticos e a seguir suas orientações. Na matriz de luta/fuga, o grupo reage a situações de ansiedade através da agressão, conflito ou evitação. Os membros do grupo podem se polarizar em torno de posições opostas, entrando em conflito aberto, ou podem tentar evitar a ansiedade através da dispersão ou isolamento. No emparelhamento, o grupo busca formar relações estreitas e íntimas entre seus membros. Pode haver uma ênfase excessiva na busca de conexões interpessoais, muitas vezes à custa do trabalho ou do foco nas tarefas do grupo. O emparelhamento pode servir como uma maneira de aliviar a ansiedade ao buscar relações afetivas (Zimmerman, 2009).

Bion ampliou a teoria de Freud sobre o funcionamento em grupo, concentrando-se

nas ansiedades psicóticas e nas inevitáveis pressões em direção à regressão que surgem quando as pessoas participam de grupos. Seus experimentos foram realizados no início de 1942, no Hospital Northfield, onde trabalharam com soldados que sofriam de transtorno de estresse pós-traumático durante a Segunda Guerra Mundial. Naquele período, tornou-se evidente que os distúrbios emocionais eram uma causa significativa da inaptidão dos militares. Por essa razão, as forças armadas propuseram programas de reabilitação. Além disso, havia uma grande necessidade de aumentar o número de oficiais, e a quantidade de candidatos tornou necessário um método de seleção mais adequado (Grotstein, 2009).

Nesse cenário, Bion teve a ideia de utilizar abordagens grupais. Para o projeto de readaptação dos militares, implementou no hospital um plano de reuniões coletivas, em que os problemas comuns eram planejados em programas de exercícios e atividades. Quanto ao processo de seleção de oficiais, Bion abandonou o método tradicional que enfatizava as qualidades militares dos candidatos. Em seu lugar, desenvolveu-se a técnica do "grupo sem líder", que envolvia uma tarefa coletiva aos candidatos, como a construção de uma ponte. Enquanto isso, os avaliadores observavam não apenas a capacidade técnica para executar uma tarefa, mas também a habilidade dos candidatos em estabelecer relações interpessoais, enfrentar as consequências do medo de falhar na tarefa e buscar o sucesso pessoal (Grotstein, 2009).

No início de 1948, Bion concentrou-se exclusivamente em grupos terapêuticos, nos quais fez observações e contribuições substanciais que continuam sendo relevantes até os dias de hoje. Relatou que, ao participar de um grupo, o indivíduo frequentemente recriava os primitivos de funcionamento mental, característicos das fases iniciais da vida. Ele notou o surgimento de desejos por conexão emocional e fantasias inconscientes sobre o significado da vida em grupo. A maneira como esses desejos eram direcionados influencia o comportamento dos indivíduos no grupo, bem como a estrutura e o funcionamento do grupo como um todo (Zimerman, 2009).

4. PSICANÁLISE VINCULAR E O VÍNCULO COMO QUEIXA

G. Bateson (1972) fala sobre a noção de vínculo como uma conexão que distribui lugares que se significam reciprocamente em um conflito inconsciente entre o personagem que pensamos ser atribuído a nós e o que pressupomos ser. Pensar em

vínculo é reconhecer que assim como significamos as nossas relações, também somos significados por elas, o que inclui uma determinação de outra noção do inconsciente, no campo do vínculo, para além do indivíduo isolado de relações em suas estruturas (Moguillansky; Nussbaum, 2017).

Segundo Moguillansky e Nussbaum (2017), os indivíduos pertencem a diversos grupos, em lugares distintos, com atribuições de diferentes significados. Estar em um vínculo é atuar no conflito entre o lugar concedido e as interpretações que o outro faz das atribuições concedidas. Esse conflito tende a permanecer até que seja direcionado ao subentendido, lugar que encobre o mal-entendido que permeia as diferentes fontes de sentido, eliminando, ilusoriamente, o que é incompatível.

O ideal de amor romântico trouxe à nossa época um sentido especial aos vínculos, proporcionando outros significados. Hoje se entende um casal como uma dupla que empreende o lado emocional da relação, conjuntamente, levando harmonia ao lar, com apoio emocional e regras que diferenciam esse lugar dos demais ambientes (Guarnieri, 2007).

O ideal romântico, se desprendendo dos laços culturais, mudou, assim como a cultura e o mundo vêm se modificando. Surgem contradições, dúvidas, novos pensamentos e conflitos na vida do casal. Diferente do estado de encantamento, a paixão mostra e faz o outro sentir traços da perfeição, vendo o parceiro com uma forte carga de admiração e forte sensação de cumplicidade (Guarnieri, 2007).

O amor não é uma impostura e também não é o sagrado profanado por nossa impiedade narcísica. O amor é uma crença emocional e, como toda crença, pode ser mantida, alterada, dispensada, trocada, melhorada, piorada ou abolida. O amor foi inventado como o fogo, a roda. Nenhum de seus constituintes afetivos, cognitivos ou conotativos é fixo por natureza (Costa, 1999, p. 36)

Em todas as relações amorosas há uma aliança inconsciente, que se forma a partir do encontro do inconsciente do parceiro, exercendo funções estruturantes e defensivas. Essas alianças são estruturadas a partir da realidade psíquica da relação, conjuntamente com as realidades psíquicas de cada um que forma o casal. O inconsciente do sujeito também é constituído pelo vínculo, pelas alianças construídas que geram identificações que se constituem através do registro narcísico, imaginário, objetual, simbólico ou edipiano (Pignataro, 2019).

Ainda segundo Pignataro (2019), essas identificações são mútuas e compartilhadas na relação amorosa em busca de um pacto de movimento identificatório. Pode-se dizer

que a identificação é estabelecida através de um traço que lhes é comum, um elo, fonte de prazer, presentes em ambos espaços psíquicos.

Eva Illouz, a partir de uma perspectiva sociológica, analisa como as dinâmicas culturais e sociais moldam as experiências e concepções do amor. Segundo a autora, o amor é um fenômeno complexo que está profundamente enraizado na cultura e na sociedade. Ela explora como as representações do amor são influenciadas pela mídia, pela publicidade, pelas expectativas culturais e pelas dinâmicas sociais. Illouz argumenta que as ideias de romance e amor são moldadas pela cultura de consumo e pelo capitalismo, e que as relações amorosas são frequentemente influenciadas por ideais românticos que são promovidos na sociedade contemporânea (Freire, 2012).

Em suas obras, Illouz analisa como as representações do amor nas mídias populares, como filmes, livros e programas de televisão, contribuem para a construção das expectativas e ideais românticos, como a economia do amor e do desejo se desenvolve em uma sociedade de consumo, onde as relações pessoais são frequentemente mediadas por conceitos de mercado e troca (Freire, 2012).

O amor é um fenômeno profundamente cultural e social, moldado por representações, ideais e dinâmicas econômicas da sociedade contemporânea. Como esses fatores influenciam a forma como as pessoas vivenciam, entendem e buscam o amor nas sociedades ocidentais contemporâneas?

Freud destacou a importância da sexualidade e do desejo no desenvolvimento do psiquismo humano, enfatizando a relevância das representações mentais e das figuras parentais nas escolhas de parceiros românticos. Segundo ele, o primeiro encontro com um objeto de desejo é, na verdade, um reencontro permeado de memórias da relação mãe-bebê. O bebê experimenta uma relação simbiótica com a mãe desde o início, em um estado de total dependência. Os cuidados maternos no desenvolvimento da sexualidade infantil e a relação com a mãe desempenham um papel crucial na formação dos primeiros vínculos emocionais, padrões de relacionamento e na maneira como a criança aprende a amar e a lidar com os aspectos sexuais da vida. Pode-se dizer que o encontro com o objeto é na verdade um reencontro com os modelos parentais infantis (Pignataro, 2019).

A Psicanálise Vincular destaca a dificuldade dos parceiros em reconhecer as características do outro durante a formação do casal, enfrentando um desafio constante ao tentar criar um espaço conjunto que abrange tanto aspectos do parceiro que causam sofrimento quanto aspectos prazerosos que proporcionam bem-estar. A relação que não

tolera os sentimentos de amor e ódio em relação ao outro, corre o risco de ser destruída. O vínculo expõe a impossibilidade de ignorar impunemente o parceiro, pois o apagamento ou negação exigem um esforço psíquico não alcançado. Assim, o reconhecimento do outro como parceiro na sua alteridade e a negação dele são elementos essenciais para a emergência de um espaço compartilhado na relação (Pignataro, 2019).

A ilusão do amor de casal, embora questionada por alguns, continua exercendo influência significativa na sociedade. A convicção de que o amor duradouro traz felicidade permanece profundamente enraizada, apesar das contradições observadas na experiência. A representação idealizada do relacionamento romântico persiste amplamente, agindo quase como uma religião, baseada na fé de que o amor deve existir, mesmo entre aqueles que se posicionam como céticos.

A idealização do amor de casal estabelece uma lógica binária, na qual só é aceitável estar dentro ou fora da representação idealizada da instituição do casal. Essa lógica cria um dilema em que o bem-estar surge ao fazer parte da representação idealizada, mas o mal-estar é sentido ao estar fora dela. Devido a essa lógica binária, os conflitos no relacionamento são frequentemente percebidos como uma deterioração, fazendo com que os envolvidos no vínculo se sintam excluídos do circuito estimado da ilusão durante essas situações conflituosas (Moguillansky; Nussbaum, 2017).

A lógica binária associada à idealização do amor de casal resulta em sofrimento adicional ao mal-estar apresentado nas queixas vinculares. Esse mal-estar é percebido como evidência de imperfeição, levando a uma colusão, onde só é aceitável que o parceiro, no vínculo do casal, se comporte de acordo com as expectativas individuais. A idealização não tolera formas que não confirmem a modalidade de casal esperada, evitando a incerteza e inconsistência inerentes a todas as relações. A busca moderna pela felicidade no relacionamento é vinculada à suposição de que o amor é o que une o casal, sendo consumado e encontrando realização plena na reciprocidade. No entanto, essa ilusão perdura na cultura, apesar de resultar de uma mistura de contradições e enganos (Moguillansky; Nussbaum, 2017).

Para que relacionamentos familiares, casais e grupos sejam mantidos, são necessários acordos inconscientes de questões a serem negadas e reprimidas, para a manutenção do vínculo. Esses acordos foram conceituados por Kaes, em 1989, como pacto denegativo - um acordo inconsciente imposto ou concluído mutuamente entre sujeitos para que o vínculo que eles contratam se organize e se mantenha na

complementaridade dos interesses de cada sujeito, recalçando tudo que não pode ser tolerado entre os membros (Almeida, 2014).

Aliança inconsciente é o que se impõe entre os laços intersubjetivos e se relaciona com o negativo, com aquilo que não pôde ser retido, contido, que não é lembrado, "que não encontra inscrição na psique dos pais e vem depositar-se ou enquistar-se na psique da criança: a falta, a doença, o crime, os objetos desaparecidos sem traço nem memória; para os quais um trabalho de luto não pôde ser realizado." (Kaes, 2015, p.202)

Para que se estabeleça uma relação não basta a identificação de um objeto comum entre o casal, mas também um acordo inconsciente para manter o vínculo através de coisas recalçadas, abolidas e apagadas. Por outro lado, o pacto denegativo cria no conjunto e nos sujeitos do vínculo, zonas de silêncio e de restos não significável, como bolsas de intoxicação que "mantêm os sujeitos de um vínculo estranhos à sua própria história e à história dos outros membros." (Kaes, 1993, p.274; 2015, p.202)

Na relação vincular os egos são lugar do desejo e da realização do desejo do outro, configuração que levanta questionamentos sobre a diferença da realidade psíquica individual e a do casal. É importante ressaltar que, no vínculo intersubjetivo, estão reunidos três psiquismos: do sujeito, do outro e do casal. Nenhum se sobrepõe ao outro, sendo dois sujeitos do inconsciente na busca pelo outro como uma via da realização dos próprios desejos (Almeida, 2014).

5. O MAL-ENTENDIDO NA RELAÇÃO DO CASAL

O que leva uma palavra a adquirir diversos significados? A polissemia pode ocorrer por várias razões, muitas vezes relacionadas ao desenvolvimento histórico, cultural, empréstimos linguísticos, semântica, metáforas, ambiguidade, entre outras. A depender do contexto em que a palavra é utilizada, podem surgir diversos significados e entendimentos diferentes, causando desacordo. Para alcançarmos um acordo sobre o desacordo, é possível a criação de um metacontexto, um contexto mais amplo de significação comum conflituosa (Moguillansky; Nussbaum, 2011).

O subentendido por parte de quem escuta algo gera uma comunicação, inicialmente implícita, de acordo com o significado atribuído aos pressupostos. O mal-entendido surge, geralmente, quando os sujeitos que se comunicam não compartilham o modo como se deve entender o que cada um diz, tomando impressões erradas e

interrompendo o intercâmbio. Isso acontece porque a nossa comunicação opera em diferentes níveis de abstração, separando o comunicado do metacomunicado. A metacomunicação refere-se à comunicação sobre a comunicação, ou seja, é a troca de informações que acontece paralelamente à mensagem principal, visando esclarecer, modificar ou fornecer contexto para a mensagem principal. Envolve a discussão, exploração ou negociação do processo comunicativo em si. O que uma mensagem denota não está no mesmo nível de como essa mensagem deve ser entendida (Moguillansky; Nussbaum, 2011).

O mal-entendido, na psicanálise vincular, refere-se a equívocos ou interpretações incorretas que ocorrem dentro de uma relação interpessoal. Pode surgir quando as comunicações entre duas ou mais pessoas são interpretadas de maneira distorcida, levando a uma compreensão errônea das intenções, emoções ou significados subjacentes. Pode ter várias causas, incluindo diferenças na comunicação verbal e não verbal, experiências passadas que influenciam a percepção, projeções de sentimentos não resolvidos e assim por diante.

Cada encontro tem um sentido específico e único e, apesar de todos os esforços de um sujeito para se fazer entender, é sempre o ouvinte quem decide o sentido final daquilo que ele acaba de ouvir. Disso resultam entendimentos que jamais são totalmente entendidos e ilusões de compreensões. Porém, como somos fundamentalmente seres incompletos, os atos comunicativos têm a vantagem de contribuir para nossa busca permanente por elementos ausentes. Sabemos que qualquer interação comunicativa nunca é simples. Temos duas mentes envolvidas em uma interação desejante e desejada, que alimentam a ilusão que o outro vai compreender. Nessa dança entre dois sujeitos de um diálogo, a concordância nunca é total, pois cada um conhecerá somente o que o outro deseja lhe mostrar – e esse outro é construído, em parte, pelos sentidos e valores que são projetados nele. Aquele que fala está, de certa forma, submetido ao poder do outro, pois aquele que escuta decide o sentido do que é dito (Reuillard, 2021).

Na psicanálise, o mal-entendido em uma relação de casal pode ser interpretado como um fenômeno que reflete dinâmicas inconscientes, resistências e complexidades emocionais entre os parceiros, podendo não ser apenas uma falha na comunicação superficial, mas uma expressão simbólica das tensões mais profundas que influenciam o relacionamento, considerando a comunicação simbólica, transferência, resistência, expressões dos desejos e dinâmicas de poder.

Na transmissão psíquica geracional - transferência de informações, traços culturais, comportamentais e emocionais de uma geração para outra -, são transmitidas configurações de objetos psíquicos passados, resultado de vínculos que precedem o

sujeito. As mensagens que transmitimos, além de criadas, podem ser atravessadas por mensageiros precedentes que expressamos sem perceber. É a partir da nossa compreensão que recebemos e guardamos as mensagens alheias (Almeida, 2014).

Moguillansky; Nussbaum (2011), apresentam as denominações "convencimento" e "convicção" para descrever as construções de pensamentos que envolvem a comunicação. Geralmente, as ideias que os pacientes têm de como deve ou não deve ser uma família se tornam verdades indubitáveis. Se por um lado parece confortável se acomodar em cosmovisões, por outro há um risco de exclusão do que é diferente, tornando pensamentos impossíveis de coexistir com os outros. Assim nasce a convicção, como um conjunto de crenças que parte de uma lógica interna onde só um sentido é válido, não havendo abertura para outras leituras. Convicto de uma ideia, o sujeito passa a ver a ordem dos fatos como óbvia e natural a todos, ou seja, além da própria convicção é pressuposto que os outros compartilhem das mesmas crenças. Nesse caso não é aceitável que haja outras formas de ver as coisas, não há possibilidade de aceitar iniciativas, próprias ou alheias, que estejam fora da cosmovisão.

Diante desse modo de convicção, como é possível sustentar uma relação onde as autoridades que as legitimam não são relativizáveis? Aparentemente, não é possível a interação com outros pensamentos, não há relação de intercâmbio, impossibilitando qualquer tentativa de conversa que venha a mudar as ideias e ideais convictos.

Uma das possibilidades de comunicação sem mal-entendidos é a significação das palavras e atos de fala. Para além de comunicar os próprios pensamentos, a língua possibilita a aproximação de significados similares, que não geram desentendimentos. As significações são além do que as palavras transmitem. O falar tem valor contextual, transformam relações entre interlocutores e tem propósitos diversos, tantos que não cabe apresentar aqui. O ponto central é que as diferenças entre os significados, a partir de palavras e atos de fala, pode mudar o entendimento entre o casal e atribuir mal-entendidos.

A família, atravessada de valores, visões de mundo, cosmovisões, enraizada em crenças que estabelece verdades e regras indubitáveis, vivem e passam modelos de vida "naturais". Não precisam ser fundamentadas, apenas passadas de geração a geração. São estes modelos que ficam enraizados na subjetividade de cada indivíduo e passados para dentro de uma relação entre o casal tem que lidar com as duas subjetividades mais a transmissão psíquica geracional.

Nos primórdios do estudo das *Terapias Familiares*, destacando a importância da comunicação, principalmente no contexto de famílias com membros psicóticos, Gregory Bateson, nos anos 1950, foi um dos pioneiros ao investigar a comunicação patológica nesse contexto, observando sequências de situações ambivalentes que contribuem para a desestruturação relacional e a patologia. Desde esse estudo inicial, percebe-se uma busca por compreensão além do conteúdo das palavras, priorizando o modo como são ditas e enfatizando o aspecto relacional. A crença era de que as regras de relação definiam a interação e influenciavam a forma como os membros familiares moldavam suas condutas na comunicação (Féres-Carneiro, 2017).

O que leva a palavra "par" a adquirir diversos significados? Em *Psicanálise Vincular* v. 2, Moguillansky; Nussbaum (2011) apresentam um caso clínico que mostra entendimentos diferentes a partir de contextos distintos em que essa palavra se encontra, causando mal-estares entre Juan e Maria:

Primeira entrevista. O casal contou que está se dando muito mal, brigando por tudo, incomodados com as respostas atravessadas que recebem um do outro. Maria diz que a relação não é mais a mesma, afirma que Juan não a entende. Juan diz que não sabe o que Maria está falando, já que é atento aos desejos dela, procura satisfazê-la, mas a esposa está sempre mal-humorada.

Sessão poucas semanas depois. Maria, desesperançosa, diz que o casal não se entende mais. Relatou que certo dia Juan estava lendo o jornal e tomando chimarrão, ela se aproximou e pediu para que ele lhe servisse um par também. Ele a serviu e continuou lendo o jornal. Ela fica brava e eles discutem durante a sessão. Juan fica sem entender nada, já que fez o que a esposa pediu, servindo um par de chimarrão. "Você não entende nada!", disse Maria. "Como não entendo? Para mim está claro, você me pede um par de chimarrões e eu lhe dou um par de chimarrões. Que mais há para entender?", disse Juan. Maria olha para o analista com desespero, dizendo que o marido não entende nada.

Juan aproveita o momento para lembrar de um dia que pediu à esposa um par de biscoitos e ela entregou um pratinho cheio. Ele ficou com o mesmo sentimento de que não é ouvido, que ela não o entende, já que ele está tentando emagrecer e ela poderia não ter feito isso. Maria questiona porquê deve adivinhar o que ele pensa e acrescenta dizendo que pediu com carinho para compartilhar um momento junto ao esposo, pedindo que tomassem um chimarrão juntos, mas ele simplesmente entregou e continuou tomando sozinho. "É como se falássemos idiomas diferentes.", disse Maria.

"Por que eu tenho que saber disso que está me dizendo agora? Deveria ter dito.", disse Juan.

Sessão seguinte. Para Juan, par é dois. Para Maria, um par é um número indefinido, mais de dois, onde um par de chimarrões quer dizer um pedido para fazer algo juntos e a palavra par lhe remete a cena familiar quando o pai dizia a mãe: "não quer passar um par de dias na praia?". Já Juan recordou momentos em que o pai, indignado, dizia: "eu vou ensinar a esse sujeito quantos pares são três meias!".

Para esse casal, além de significados diferentes, a palavra "par" representa os diferentes modos de ver o mundo para cada um. Para Juan, um pedido é apenas um pedido. Para Maria, por trás do pedido há um desejo de fazer algo mais. Mas como ele poderia adivinhar? O que faltou para que ela pudesse ser mais clara no seu desejo? "Está bem, com a palavra par dizemos duas coisas diferentes. Nisso posso concordar que não o entendi, até que foi um mal-entendido.", disse Maria.

A Teoria da Comunicação destaca um axioma fundamental: toda comunicação é um "agir" que influencia a relação, indo além das palavras. Nesse contexto, a palavra é apenas uma parte do que está sendo comunicado, e mesmo na ausência dela, alguma mensagem é sempre transmitida. Esse axioma levanta discussões sobre como a interação afetiva na família contribui para a singularidade das mensagens em seu jogo interacional (Féres-Carneiro, 2017).

A comunicação serve como meio de (re)formular questões intersubjetivas. Quando há dificuldades nas tentativas de comunicação familiar, alguém pode evitar expressar abertamente receios e experiências específicas, temendo a reação dos outros membros. Nessas situações, é provável que surja um padrão caótico, impedindo a divulgação autêntica de informações e limitando a possibilidade de um entendimento mais genuíno no ambiente familiar (Elkaim, 2008).

Nesse contexto, entender a comunicação como um contato com a alteridade e o estabelecimento de uma conexão emocional com o outro torna-se crucial. Elkaim (2008) destaca que, para alcançar clareza e eficácia na comunicação familiar, é essencial reconhecer o outro, o que implica aceitar sua diferença e autonomia como um sujeito separado.

Na clínica com casal, é evidente que falhas na comunicação primitiva, indicativas de um ambiente relacional pouco responsivo, prejudicam a experiência de se comunicar autenticamente com os outros. Nessas condições, uma das consequências marcantes é a dificuldade do sujeito em estabelecer uma comunicação interna,

resultando na falta de reconhecimento de seus próprios estados emocionais e na incapacidade de identificar os sentimentos alheios.

A satisfação no relacionamento tende a aumentar quando há um maior envolvimento emocional entre as pessoas, bem como uma maior confiança, abertura para a comunicação e interdependência. Os autores empregam o termo "qualidade de relacionamento" para descrever um conceito mais abrangente do que a mera satisfação, referindo-se a uma avaliação global subjetiva feita por um indivíduo sobre seu relacionamento conjugal (Wilhelm, 2011).

Figueredo (2005) indica ainda que muitos casos de separações conjugais ocorrem em função de dificuldades de um ou ambos os cônjuges quanto a habilidades satisfatórias de comunicação efetiva e acurada que se manifestam por meio de expressões de sentimentos positivos, elogios, agrados, opiniões, desejos e escuta ativa. Outra queixa comum nos casais se refere a comunicação pobre ou deficiente, que também levam muitos casais a submeter-se a psicoterapia. E esta mesma queixa é considerada pelos psicólogos clínicos como o problema mais prejudicial que os casais experimentam no casamento.

Existe uma estreita ligação entre a comunicação e o casamento. Na dinâmica conjugal, os parceiros interagem de maneira íntima e constante, resultando em encontros e desencontros de informações. Ao compartilharem o mesmo espaço físico, o casal se vê continuamente impelido a se comunicar, encarar o cônjuge frente a frente, discutir suas diferenças, abordar diversos assuntos e compartilhar confidências exclusivas à relação. Em qualquer interação social, é comum que a mensagem desejada não seja completamente compreendida, podendo atingir ou não o destinatário.

Contudo, na intimidade conjugal, essa falta de compreensão pode comprometer a saúde do casamento. Em meio aos conflitos que permeiam a relação conjugal, uma comunicação eficaz pode ser crucial para a resolução de muitos mal-entendidos (Figueredo, 2005).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Freud abordou a herança filogenética considerando o papel dos pais, reconhecendo a transmissão da herança psíquica através de afetos, conflitos infantis, reatualização do narcisismo parental e histórias familiares. Porém, somente nos anos 50, os conflitos e violências familiares passaram a ser uma preocupação significativa na área de saúde

mental, levando ao surgimento do interesse em tratamentos e psicoterapias familiares.

Reconhecer o vínculo implica compreender que, assim como atribuímos significado às nossas relações, também somos moldados por elas. Isso envolve uma compreensão do inconsciente no contexto dos vínculos, indo além do indivíduo isolado e considerando as estruturas relacionais. A Psicanálise Vincular destaca o desafio enfrentado pelos parceiros ao tentar criar um espaço compartilhado que abrange tanto aspectos do outro que causam desconforto, quanto aspectos prazerosos. A relação, para ser saudável, precisa tolerar sentimentos de amor e ódio, evitando assim o risco de destruição. Reconhecer o outro na sua alteridade e evitar a negação são elementos cruciais para a formação de um espaço compartilhado na relação.

O mal-entendido refere-se a interpretações distorcidas ou equívocos que ocorrem em relações interpessoais. Pode surgir quando as comunicações entre pessoas são interpretadas de maneira errada, levando a uma compreensão equivocada das intenções, emoções ou significados subjacentes. Diferenças na comunicação, experiências passadas que influenciam a percepção e projeções de sentimentos não resolvidos são algumas das causas possíveis. Comunicar sem mal-entendidos envolve a significação das palavras e atos de fala, indo além da transmissão literal de pensamentos. A língua permite a aproximação de significados similares, evitando desentendimentos. No entanto, as diferenças nos significados, expressos por palavras e atos de fala, podem alterar a compreensão entre o casal e levar a mal-entendidos.

No Brasil, a psicanálise vincular pode ser valiosa para abordar questões familiares e relacionais, considerando o contexto cultural e as dinâmicas específicas das famílias brasileiras. Ela oferece uma abordagem que vai além do indivíduo, explorando as interações e os padrões relacionais. Isso envolve considerar as influências culturais, sociais e econômicas que moldam as relações familiares no país. Além do foco em casais e famílias, a psicanálise pode ser aplicada em contextos de grupos e comunidades, abordando as interações sociais mais amplas e promovendo a compreensão das dinâmicas coletivas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Thiago de. **Processo da escolha conjugal sob a perspectiva da psicanálise vincular**. Pensando famílias, v. 18, n. 1, p. 3-18, 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BLÉANDONU, Gérard. **Wilfred Bion: His life and works**. Other Press, LLC, 2020.

COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico**. Rocco, 1999.

ELKAIM, M. (2008). **Como sobreviver à própria família**. São Paulo, SP: Integrare.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha et al. **Falhas na comunicação: queixas secundárias para demandas primárias em psicoterapia de família**. Trends in Psychology, v. 25, p. 1773-1783, 2017.

FIGUEREDO, P. da M. V. **A influência do locus de controle conjugal, das habilidades sociais conjugais e da comunicação conjugal na satisfação com o casamento**. Ciências & Cognição. Ano 2, v.6, 2005.

FREIRE, A. (2012). **Os Afetos e o Capitalismo**. *Revista Intratextos*, 4(1), 304–311. <https://doi.org/10.12957/intratextos.2012.2569>

GOMES, Isabel Cristina; LEVY, Lidia. **Psicanálise de família e casal: principais referenciais teóricos e perspectivas brasileiras**. Aletheia, n. 29, p. 151-160, 2009.

GROTSTEIN, James S. **Um facho de intensa escuridão: O legado de Wilfred Bion à Psicanálise**. Bookman Editora, 2009.

GUARNIERI, Ana Célia Martinez. **A comunicação no vínculo conjugal**. 2007. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

GUIMARÃES, Veridiana Canezin; CELES, Luiz Augusto M. **O psíquico e o social numa perspectiva metapsicológica: o conceito de identificação em Freud**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 23, p. 341-346, 2007.

KAËS, R. **L'Extension de la Psychanalyse**. Pour une Métapsychologie de Troisième Type, Paris, Dunod, 2015.

MOGUILLANSKY, Rodolfo; NUSSBAUM, Silvia. **Bem-estares e mal-estares do amor no casal moderno**. Revista Brasileira de Psicanálise, v. 51, n. 2, p. 33-54, 2017.

MOGUILLANSKY, Rodolfo; NUSSBAUM, Silvia Liliana. **Psicanálise vincular: teoria e clínica**. Zagodoni, 2011.

MOGUILLANSKY, Rodolfo; NUSSBAUM, Silvia Liliana. **Psicanálise vincular: teoria e clínica**. Zagodoni, v. 2, 2011.

PIGNATARO, Marina Beatriz; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha; MELLO, Renata. **A formação do casal conjugal: um enfoque psicanalítico**. Pensando famílias, v. 23, n. 1, p. 34-46, 2019.

REUILLARD, Pascal. **Os mal-entendidos**. Porto Alegre. 2021. Disponível em: <https://www.cyromartins.com.br/blog/os-mal-entendidos>.

SIGMUND FREUD; PAULO CÉSAR DE SOUZA. Obras Completas / 15, **Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos : (1920-1923)** / Sigmund Freud. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia Das Letras, 2011.

VASCONCELOS, Angela Teresa Nogueira de; LIMA, Maria Celina Peixoto. **Considerações psicanalíticas sobre a herança psíquica: uma revisão de literatura**. Cadernos de psicanálise (Rio de Janeiro), v. 37, n. 32, p. 83-103, 2015.

WILHELM, Fernanda Ax; OLIVEIRA, MAP de. **Fatores indicados por casais que facilitam ou impedem o relacionamento conjugal satisfatório**. Revista Caminhos, v. 2, n. 1, p. 173-186, 2011.

ZANINI, Rafaela Haas Oliveira; MATEUS, Tanise Gralha. **Terapia Vincular (Psicanálise de Família e de Casal): um breve histórico**. - Clínica Equilíbrio. Disponível em: <https://clinicaequilibrio.com.br/terapia-vincular-psicanalise-de-familia-e-de-casal-um-breve-historico/>. Acesso em: 12 set. 2023.

ZIMERMAN, David E. **Bion da teoria à prática: uma leitura didática**. Artmed Editora, 2009.

ZIMERMAN, David E. **Fundamentos básicos das grupoterapias**. Artmed Editora, 2009.